

O GRAFISMO INFANTIL: PROCESSOS E PERSPECTIVAS

Maria da Graça Azenha Bautner

Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da USP em 1991.

INTRODUÇÃO

A dissertação de Maria da Graça é um importante trabalho de cotejo teórico entre duas abordagens a respeito da gênese da linguagem escrita na criança - Ferreiro e Luria - utilizando como apoio uma pesquisa empírica realizada com crianças de uma escola municipal de São Paulo. A atualidade e relevância deste trabalho deve-se tanto à metodologia da pesquisa e ao referencial teórico utilizados, quanto à necessidade deste tipo de contribuição para o aprimoramento do trabalho pedagógico junto às crianças pré-escolares. A década de 90 tem tido por tarefa histórica, pelo menos na área da educação infantil, pensar alternativas teórico-metodológicas que dêem conta de utilizar criticamente as pesquisas divulgadas na década de 80 a respeito do processo de aquisição da linguagem escrita na criança. Após um período de "idealização" destas teorias é hora de dialogar criticamente com os autores; de duvidar da "onipotência" à elas delegadas pelos educadores que as viam como solução para todos os problemas do cotidiano da alfabetização na escola; de perceber os limites e possibilidades de cada teoria para a compreensão do complexo processo pelo qual as crianças passam até chegar à uma escrita alfabética-convencional. Este parece ser um dos méritos do trabalho realizado pela autora - enfrentar a tarefa de ser uma leitora-autora, ou seja, assumir um papel ativo no consumo destas teorias, produzindo a sua interpretação pessoal legitimada por seu trabalho de pesquisadora-educadora. Se, por um lado, a abordagem de Ferreiro foi difundida no transcorrer dos anos 80, o trabalho de Luria (escrito em 1929) só foi publicado no Brasil em 1988. E, muito pouco tem se produzido no sentido de avançar na compreensão aprofundada das especificidades e diferenças entre cada uma delas. No que diz respeito aos professores que atuam em sala de aula, o acesso às contribuições de Ferreiro foi intenso, tanto através das publicações de suas obras, quanto de cursos promovidos pelos mais diversos setores da área da educação. No entanto, o mesmo não tem acontecido com o trabalho de Luria, seja pela dificuldade de acesso às publicações do autor, seja pela instalação de um clima de rivalidade entre as duas correntes teóricas: a primeira encabeçada por Piaget e a segunda, por Vygotsky. Encontra-se hoje muita resistência por parte dos professores em "abandonar" aquilo que Em um determinado momento significou uma revolução conceitual e que exigiu dos mesmos Muito esforço para superar os "métodos tradicionais de alfabetização" a partir da descoberta do "construtivismo". Diante deste quadro precariamente delineado acima, este trabalho ganha também um significado social, à medida que pretende socializar e sistematizar o debate entre as contribuições das duas abordagens psicogenéticas e a realidade das nossas crianças, tão necessário para iluminar a compreensão de alguns dos inúmeros impasses ainda presentes em nossas escolas infantis.

A dissertação apresenta cinco capítulos. No primeiro, a autora faz a introdução do tema situando o objeto de sua pesquisa. No segundo, de caráter mais teórico apresenta, em separado, as diferentes abordagens de Ferreiro e Luria quanto à gênese da linguagem escrita

na criança demonstrando a existência de acordos e desacordos e examinando as possibilidades teóricas de confronto e/ou complementariedade entre as mesmas. Este capítulo, oferece ao leitor uma reflexão teórica pormenorizada dos pontos de similaridade e desdobramentos das investigações dos dois teóricos para a prática pedagógica, assim como apresenta uma síntese das conclusões a que tanto Ferreiro quanto Luria chegaram. Em todo o capítulo, percebe-se a preocupação da autora em situar as duas abordagens em suas bases epistemológicas distintas, tomando-as como o verdadeiro pano de fundo para a análise das similaridades e desacordos que evidenciam. Destaca a ruptura que as duas investigações representaram na cultura escolar, ao evidenciarem a existência na criança de um processo evolutivo da aquisição da escrita que antecede o ensino formal e que deveria ser explicado à luz da história da constituição social da escrita como objeto cultural.

No que diz respeito à contribuição de Ferreiro situa o contexto histórico em que a pesquisa foi realizada, as preocupações da autora com os baixos índices de repetência entre as crianças oriundas dos setores mais pobres da sociedade, a filiação à teoria do desenvolvimento piagetiano para explicar os processos e as formas pelas quais as crianças aprendem a ler e escrever, dentro da sua teoria geral de desenvolvimento cognitivo. Aqui é dada especial atenção à distinção feita entre o que ocorre com o sujeito epistêmico (processo de aprendizagem) e o processo de ensino, com destaque e privilegiamento dos fatores endógenos dos esquemas assimilativos do sujeito que aprende, sendo destacada a dificuldade decorrente deste postulado no que diz respeito à discussão integrada do papel do ensino em relação ao desenvolvimento.

Como contribuições mais fecundas desta abordagem, Maria da Graça apresenta: o argumento contra o isomorfismo entre a linguagem escrita e falada; a distinção do conceito de escrita como código e como sistema de representação; e, por último, o papel construtivo dado ao "erro infantil" nas escritas que antecedem o modo convencional. Em seguida, apresenta dados a respeito das situações experimentais, o método da indagação, as provas de leitura e apresenta as fases genéticas percorridas pelas crianças no processo de diferenciação das escritas apresentadas por Ferreiro, quais sejam: pré-silábica, silábica e alfabética.

A seguir a autora passa a apresentar a sequência genética de aquisição da escrita segundo A. R. Luria publicado em seu artigo "O desenvolvimento da escrita na criança", apontando sua filiação teórica vygotskyana, historicizando o percurso da escola de psicologia russa que tendo por contexto de interlocução as duas vertentes filosóficas explicativas da consciência humana existentes - a idealista e a mecanicista - tomou para si a tarefa de explicar a constituição do homem a partir da sua interação com a realidade. "Esta interação humana com a realidade caracteriza-se pela emergência de duas forças principais que ajudam a construir a explicação da origem e do desenvolvimento das competências humanas: o trabalho e a linguagem".(p.40) Exatamente pelo papel central que a linguagem assume nesta perspectiva histórico-cultural, a investigação a respeito de como se contrói o valor simbólico da escrita na criança (a pré-história da escrita), é uma forma de ajudar a compreender como se dá a constituição cognitiva do homem.

Apresenta, então, dados a respeito das situações experimentais realizadas por Luria que evidenciam a metodologia de análise processual apresentada por Vygotsky, cujos princípios são: "analisar processos e não objetos; explicação versus descrição, o que exige uma análise das relações dinâmicas subjacentes aos fenômenos observados; e, por último, analisar o problema do "comportamento fossilizado" não interpretável no comportamento automatizado, o que exige a reconstrução experimental dos estágios iniciais do

desenvolvimento onde o comportamento não estava ainda fossilizado, para explicar a origem da fossilização".(p. 95) Destaca o caráter funcional de auxílio da memória dado à escrita durante o experimento, o critério de seleção das palavras privilegiando a natureza do conteúdo das palavras e a presença de contrastes tais como: forma, cor, dimensão, quantidade, brilho e ritmo como marcadores auxiliares nas diferenciações das palavras. A seguir, são apresentadas as conclusões do autor referentes aos pré-requisitos necessários para que os sujeitos possam atuar com a escrita como mediação da atividade psicológica: o primeiro diz respeito à capacidade de deslocamento do mundo imediato a partir de atuações de forma indireta na relação com o mundo, e, o segundo, à capacidade da criança de controlar o seu próprio comportamento por meio das diferenciações que vai estabelecendo entre ela e o meio. Sem isso, a criança estaria impossibilitada de utilizar a escrita em seu aspecto instrumental.

A autora apresenta, então, as fases encontradas por Luria no processo de aquisição da escrita pela criança: fase pré-instrumental ou imitativa, assim definida pelo fato de haver ausência da utilização da escrita como instrumento a serviço da memória, ter valor em si mesma, ser autocontida e indiferenciada; a escrita topográfica, em que a criança começa a fazer diferenciações primárias (com o uso de signos de baixa convencionalidade) relativas ao significado das palavras, utilizando para estas diferenciações a localização da grafia como recurso da memória e não necessariamente diferenças objetivas no traçado de cada conteúdo registrado; a escrita pictográfica, em que a criança registra diferenciações presentes nos atributos do conteúdo, o signo é simbólico por ser um portador de significado que atua sobre o sujeito, aparecendo o desenho utilizado como mediador da memória e não mais como uma representação em si mesmo; e, por último, a escrita simbólica, quando a criança deixa de representar núcleos de significados e passa a desenhar a própria fala utilizando letras convencionais. Finalmente, destaca que Luria oferece elementos empíricos que comprovam a presença de nuances no percurso genético de aquisição da escrita: "o processo psicológico divide usos diferentes do mesmo recurso gráfico. De um lado, a representação figurativa em si, e de outro o registro de conteúdos para além da representação pictórica, embora realizada através de recursos icônicos".(p.56)

Por último, a autora pontua a inadequação que o termo "aquisição da escrita" tem no contexto do trabalho desenvolvido por Luria, uma vez que o produto gráfico fica colocado em um primeiro plano que, na verdade, pertence à própria complexificação dos sujeitos da aquisição.

A terceira e última parte deste capítulo, como o próprio nome diz trata de "Algumas contraposições nas investigações abordadas". Mesmo que alguns tópicos já tenham sido abordados anteriormente é aqui que a autora se dedica a mapear as contraposições ocultas sob a semelhança de dados entre as duas abordagens, denominada de fenotípica uma vez que "a interpretação sobre o valor, o papel e o destino destes recursos no interior da escrita e em relação ao desenvolvimento geral, assume feições diferentes".(p.64)

Dentre as muitas contraposições destaca inicialmente as diferentes concepções de escrita de cada pesquisador: Ferreiro evidencia uma concepção ligada às relações entre o oral e o escrito, focalizando a gênese da escrita em seu sentido pleno de signo simbólico específico do contexto linguístico, enquanto que Luria percebe a escrita como simbolismo de segunda ordem, mediando tanto a relação da criança com o mundo das entidades reais como com as coisas da linguagem. Sua preocupação é com a face interna do signo, de como ele atua sobre o próprio usuário do signo. Destas concepções decorrem investigações que olham para diferentes questões que, segundo a autora, neste caso podem ser

complementares: Ferreiro descreve como os sujeitos constroem a compreensão do funcionamento do sistema simbólico convencional, vendo o grande salto qualitativo da criança quando ela passa para a escrita silábica; Luria, demonstra como a criança constrói a relação funcional com os signos, sendo o "ponto da virada" o emprego da escrita instrumental, já que a utilização da escrita como apoio de funções intelectuais é o requisito mais importante para a utilização futura do sistema convencional. Pode-se dizer que Luria investiga uma pré-história da escrita que é cronologicamente anterior à de Ferreiro, ou seja, na filogênese as questões lurianas precedem as de Ferreiro.

Outra contraposição importante diz respeito aos diferentes edifícios teóricos que fundamentam as interpretações a respeito do sentido e dos procedimentos da gênese da escrita. Ferreiro com sua base piagetiana coloca em relevo um sujeito epistêmico que adquire um objeto de conhecimento, ficando em primeiro plano a construção das estruturas endógenas, Luria dentro da corrente histórico-cultural vygotskyana vê o sujeito que opera com a cultura, constituindo-se como sujeito psicológico pela internalização de funções que de início são interpsicológicas para mais tarde tornarem-se intrapsicológicas. Outra decorrência das diferentes abordagens a respeito das razões e dos fatores responsáveis pela construção da cognição humana, leva os dois teóricos a interpretar a relação entre compreensão e utilização da escrita de maneira oposta: enquanto Ferreiro acentua que a compreensão do sistema antecede e prepara a sua utilização, Luria entende que o ato precede a compreensão. O capítulo prossegue assinalando as consequências que estas contraposições têm sobre a situação experimental, o critério de inclusão da escrita nos mesmos, e a própria postura experimental dos pesquisadores, com especial enfoque para as decorrências disso para a prática pedagógica. Outra contraposição apontada pela autora, já evidenciada em momentos anteriores, diz respeito aos diferentes critérios utilizados para diferenciar a escrita do desenho. Para Ferreiro a distinção está dada pela diferenciação formal-gráfica entre desenhos e signos convencionais da escrita, sendo esta distinção fundamental no início do processo e irreversível. Luria, por sua vez acredita que o desenho pode ser usado tanto como processo autocontido de representação, quanto como meio para registro. A diferença não está na grafia, mas na funcionalidade do mesmo, podendo o desenho ser utilizado tanto como desenho quanto como escrita pictográfica.

Feitas as contraposições e tomando-as como referência Maria da Graça anuncia a pesquisa empírica que realizou com vistas a buscar "evidências lurianas" nas produções infantis objetivando ampliar a discussão a respeito do tema, mantendo o diálogo com as duas abordagens até aqui apresentadas.

A autora apresenta então os procedimentos metodológicos utilizados em sua pesquisa realizada com 50 crianças de 4 a 6 anos de uma escola da rede municipal de São Paulo, com entrevistas realizadas com intervalos de dois meses, durante dois anos consecutivos. Seu objetivo era "estudar os fatores que explicam a ocorrência e o movimento dos processos de diferenciação gráfica e ensaiar explicações que buscassem continuidades funcionais entre os rabiscos e as primeiras formas de organizar diferenciações decorrentes da compreensão da escrita como signo cultural" (p.79). Seguindo a metodologia luriana de investigação a pesquisadora utiliza como fio condutor para organização e apresentação dos dados obtidos o percurso de uma menina, Maria Rita, durante a sequência de entrevistas realizadas. A escolha desta menina foi feita "pelo fato de exibir, com maior clareza, o conjunto de transformações que julgamos relevantes analisar para compreender a gênese da

escrita".(p.87)

Ainda neste capítulo, Maria da Graça, apresenta duas questões metodológicas que no seu entender foram pontos críticos no transcorrer da sua pesquisa e que são muito pertinentes uma vez que ainda não foram resolvidas à nível da metodologia da pesquisa em educação: a primeira é relativa à forma de inserção do investigador nas situações de observações, tendo por pano de fundo a questão da identidade de uma pesquisa de carácter educacional e o mito da objetividade e imparcialidade do pesquisador; e, a segunda, refere-se ao problema da irregularidade presente nos dados observados como constitutivo do fenómeno observado. "Encontrar continuidades é resultado do esforço teórico de interpretação, mais do que constatações "dadas" a partir da observação dos desempenhos" .(p.92)

O quarto capítulo apresenta o percurso das produções escritas de uma criança no transcorrer de cinco entrevistas realizadas com a mesma , acrescidas da análise da produção de outros sujeitos como apoio de interpretação no interior da gênese. Metodologicamente, esta forma de apresentar os dados me pareceu bastante funcional e criativa possibilitando ao leitor uma visão detalhada e ilustrada dos diferentes momentos vividos pelo sujeito, sempre acompanhada de diálogo com os dados obtidos pelos teóricos em questão. Os dados são apresentados obedecendo à sequência vivenciada durante as cinco entrevistas realizadas, sendo que a autora tem o cuidado de situar o leitor quanto aos seus objetivos em cada situação sempre delineados a partir do desempenho e interesse evidenciados por Maria Rita. Ao analisar as produções das crianças são retomadas as questões discutidas nos capítulos anteriores evidenciando um diálogo extremamente produtivo entre os dados teóricos e os dados empíricos obtidos na investigação, o que torna a leitura deste capítulo além de agradável , necessária para a compreensão do processo de aquisição da escrita como um percurso pleno de descontinuidades e rupturas conforme afirma a autora: "As nuances desses desempenhos brevemente descritos, assim como as existentes nos recursos gráficos que os apoiam externamente, são tão numerosas e inusitadas que nos conduzem à relexão sobre quanto o percurso individual pode ser tão particular, em que pese a existência de regularidades colocadas pela perspectiva da análise." (p.132)

No capítulo V, a autora finaliza seu trabalho com uma síntese do percurso exibido por Maria Rita (sujeito condutor da interpretação dos dados) que evidenciou como o uso simbólico do grafismo apresenta dois polos, de um lado o resultado gráfico mostrado pela criança e, de outro, a forma como a aquisição da escrita se relaciona com a constituição de atividades psicológicas complexas. Especial destaque é dado ao que a autora denominou de impasses genéticos vistos como conteúdos próprios do percurso do desenvolvimento e que traz repercussões imediatas ao ensino.

Diante do que foi apresentado fica evidente a relevante contribuição desta pesquisa como material de relexão sobre este processo tão importante na vida humana e tão pouco compreendido pelos educadores.

[VOLTAR AO INÍCIO DESTA RESENHA](#)